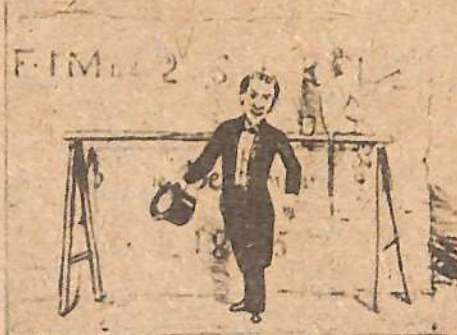




Gama: brilhante advogado e jornalista



DIABO COXO



O jornal abolicionista "Diabo Coxo" (1864).

Os direitos humanos, a luta de Luís Gama

ERNANI SILVA BRUNO

Precisamente há 150 anos (trata-se, portanto, com perdão da palavra, de um sesquicentenário) vinha ao mundo, em um sobrado da rua do Bangala, em Salvador (Bahia), Luis Gonzaga Pinto da Gama ou, mais familiarmente, o Luis Gama que foi uma das maiores e mais interessantes figuras da campanha abolicionista no Brasil.

Era filho de uma africana livre, Luiza Mahim, preta retinta de nação sudanesa, da Costa da Mina, insofrida e rebelde, talvez participante das insurreições negras como a Guerra dos Malês e da Sabinada, pois sabe-se que vivia entre conspiradores e esteve presa mais de uma vez.

Bem menos heróica foi a figura do pai de Luis Gama, fidalgo baiano de origem portuguesa que, mergulhando em difícil situação financeira, acabou vendendo o filho como escravo, em 1840, a um comerciante do Rio de Janeiro. Das mãos desse comerciante o menino Luis Gama passou para as de um contrabandista de cativos, sendo levado para Santos, de onde viajou a pé — integrando um lote de escravos — até Campinas.

O jovem Luis Gama acabou fixando-se na cidade de São Paulo, onde fez camaradagem com um estudante que lhe ensinou as primeiras letras.

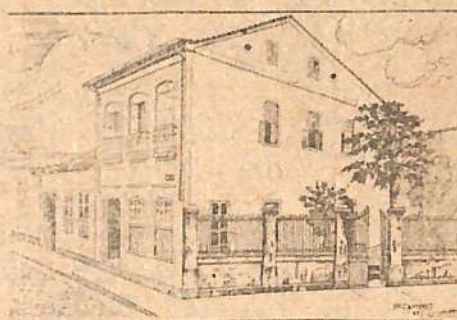
Não se sabe bem por que meios conseguiu libertar-se, e foi abrindo seu caminho. Trabalhou como copista, escrivão do fórum e depois amanuense no escritório do conselheiro Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça, que o encaminhou nos estudos.

Passando em seguida a revisor do jornal "O Ipiranga", interessou-se pelo jornalismo e foi redator do semanário "Diabo Coxo" (1864-65) — que contava também com a colaboração de Rui Barbosa e a do caricaturista Angelo Agostini — e mais tarde dos jornais "Radical Paulistano", "Coaraci" e "Polichinelo".

Publicou um volume de poesias, "Primeiras Trovas Bulescas de Getulino" (1859), contendo 23 composições suas e três de José Bonifácio, o Moço. "Proletário sarcástico em meio a uma assembleia de bacharéis lamuriosos — escreve o crítico e ensaísta José Paulo Paes — Getulino representa bem a emergência do povo na literatura romântica". Mas Gama não prosseguiu em sua carreira literária que — da mesma forma que sua atuação jornalística — consistiu em permanente luta em defesa dos oprimidos contra os opressores.

Não chegou a se formar em Direito, mas foi um rábula eficiente, constando que várias centenas de cativos — mais de quinhentos — ficaram lhe devendo a liberdade. Curioso e eloquente depoimento sobre sua atuação e suas convicções, encontra-se no livro de memórias de Francisco de Paula Ferreira de Rezende, "Minhas Recordações". Luis Gama tomara a defesa de uma escrava que ele supunha alforriada. Rezende, que defendia os interesses da dona da cativa, conta: "Por essa ocasião e quando Luis Gama parecia mais insistir, eu lhe perguntei se realmente achava que eu fosse capaz de querer reduzir à escravidão pessoa livre. Não — respondeu ele — não só não o acho capaz, porém até mesmo estou inteiramente persuadido de que o senhor procede com a mais completa boa fé. Mas eu também fui escravo; não tive do meu senhor a menor queixa, antes lhe devo talvez alguma gratidão; e entretanto nada disto impede que eu tivesse sido escravo, apesar de haver nascido homem livre. O meu dever, portanto, ou antes, a missão que a mim tomei, é a de defender o direito dos escravos sempre e em toda a parte onde eu o possa fazer."

Pode-se talvez dizer que a luta efetiva contra a escravidão no Brasil começou de fato na época de Luis Gama. Evidente que houve, muito antes, condenações ao regime do cativo. Contra esse regime manifestara-se, já em meados do século 18, o padre Manuel Ribeiro da Rocha (revelando consciência bem erista e atenta aos problemas do mundo)



Sobrado da rua do Bangala, em Salvador.

em seu livro "Etiope Resgatado". Mais tarde, assumiram idêntica posição alguns inconfindentes mineiros e todos os inconfindentes baianos da chamada Conjuração dos Alfaiates. E no começo do século 19, Hipólito da Costa e José Bonifácio, embora este último temesse a abolição imediata.

Mas Luis Gama aparece como a grande figura da primeira fase do abolicionismo radical. E foi em 1882, em seu escritório — localizado na Travessa da Sé nº 4 — que se fundou o Centro Abolicionista de São Paulo. O grande lutador não pôde assistir ao evento da abolição. Morreu nesse mesmo ano de 1882, e seu funeral — em termos de consagração popular — assumiu proporções apoteóticas. No dia seguinte um jornal paulistano publicou a versão conservadora do acontecimento: "Faleceu ontem o cidadão Luis Gonzaga Pinto da Gama, conhecido advogado nesta cidade." Notícia que provocou este comentário do escritor Raul Pompéia: "É preciso que, mesmo nos momentos épicos, apareça uma ponta da miséria humana."

Na verdade, no entanto, não se pode estranhar que os pioneiros do abolicionismo — como Luis Gama — fossem vítimas de silêncios, de agressões e de perseguições de toda a espécie. E preciso lembrar que o dinheiro, com suas seduções e sua invisível força corruptora, estava do outro lado. O poder político — que podia distribuir posições e honrarias, empregos e vantagens — estava do outro lado. A chamada "ordem legal", estava do outro lado. Ser conservador, tomar o partido dos fortes contra os fracos, sempre foi mais rendoso e mais confortável.

No tempo do Segundo Reinado, que importavam — aos que se beneficiavam gostosamente da existência e da legalidade do cativo — as injustiças sociais que se perpetuavam através das gerações? Que importava que o cativo (filho, neto e bisneto de escravos) transmitisse aos seus descendentes sua terrível e indescartável condição? O que interessava, aos grandes grupos financeiros, aos senhores de engenho, aos grandes fazendeiros — e aos seus representantes, que detinham o poder político — era que os privilégios permanecessem intocáveis, que se prolongasse indefinidamente a doce rotina que transformava os negros em bestas de carga.

Tudo se compunha, tudo se estruturava e tudo funcionava para que se mantivesse o alto nível de bem-estar dos grandes proprietários rurais, dos conselheiros do Império, dos condes e viscondes, dos duques e barões, cujos filhos — sustentados pelo suor das senzalas — podiam até estudar na Europa e mais tarde assumir os altos postos políticos, em função dos quais estariam aptos a resolver os problemas nacionais...

Ser contra o cativo era ameaçar a harmonia e o esplendor desse mundo que para a minoria privilegiada era maravilhoso e não convinha que fosse perturbado.

Atentando-se para isso tudo é que se pode aquilatar a dimensão da luta enfrentada por um homem como Luis Gama, que em sua meninice havia curtido, na própria pele, a dor da escravidão. As palavras de seu biógrafo, Sud Mennucci, resumem bem sua dura e luminosa existência: "Pode representar-se a vida inteira de Luis Gama como duas mãos tendidas para o alto, no clamor incessante do respeito pelos direitos humanos."